

Carta de Conjuntura

Programa de Educação Tutorial – Economia UFF

Grupo de Análise de Conjuntura Econômica
Boletim de 2018.2

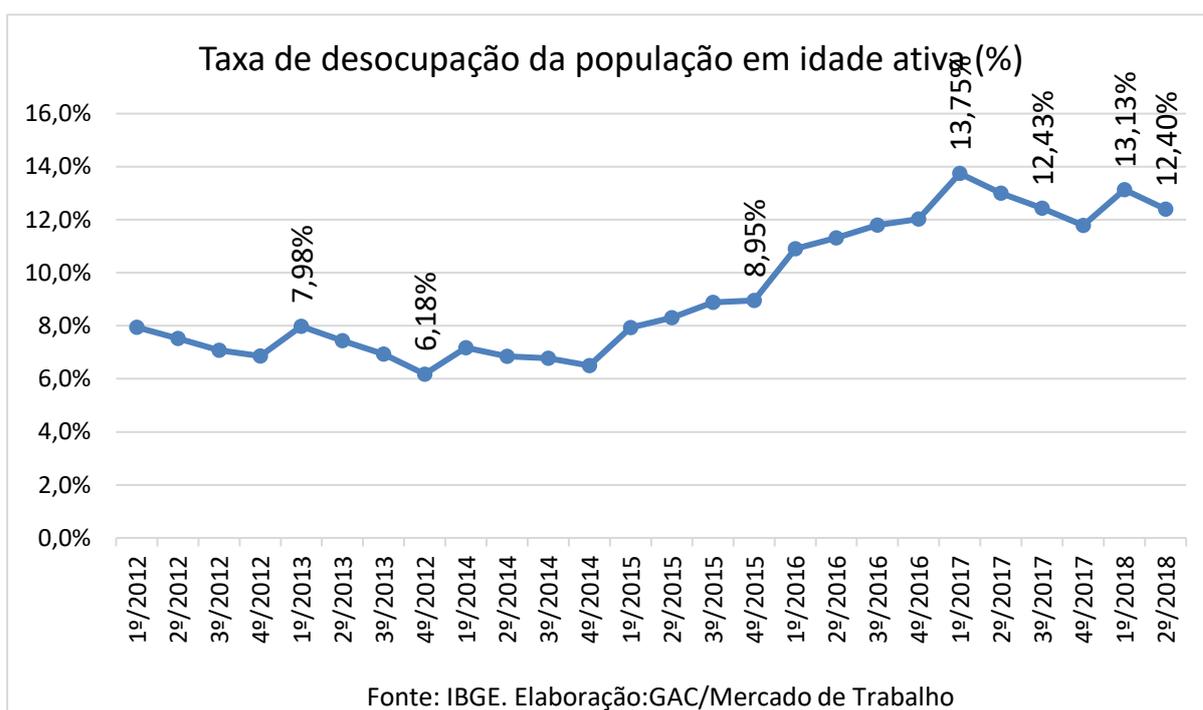
Mercado de Trabalho – 2018.2

MERCADO DE TRABALHO – SEGUNDO TRIMESTRE DE 2018

Responsáveis: Brenda Poubel e Severino Vidal

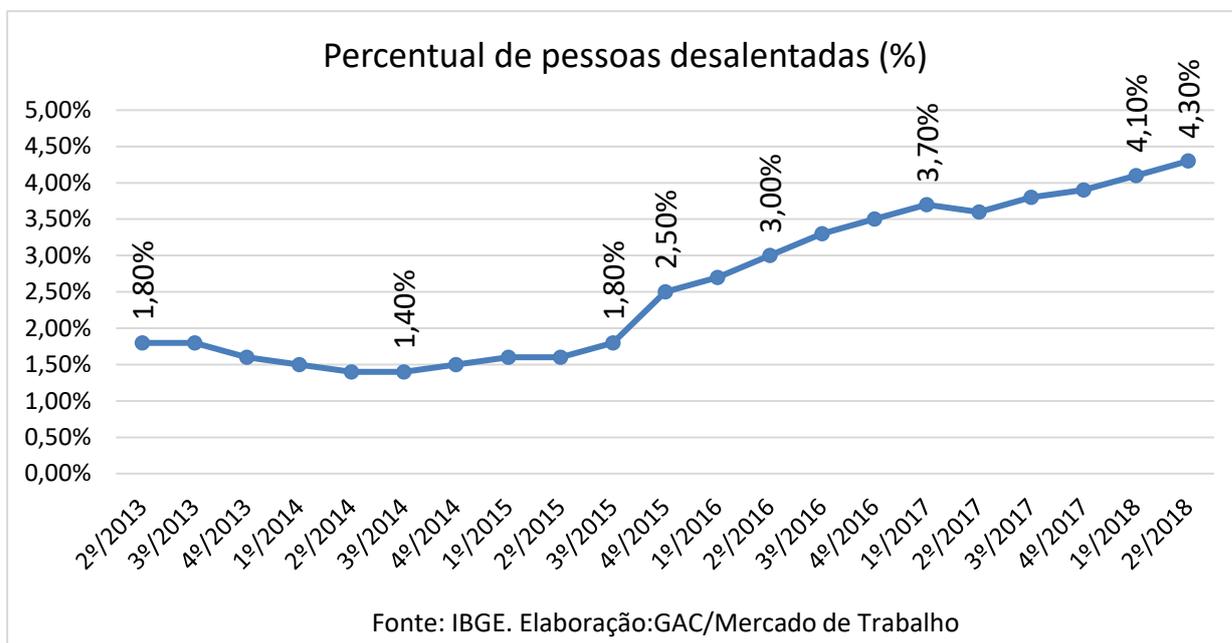
UM ENFOQUE CENTRAL

Como podemos analisar nos gráficos a seguir, a taxa de desemprego do segundo trimestre de 2018, que foi de 12,4% caiu 0,7 ponto percentual comparado ao trimestre exatamente anterior e também houve uma queda se comparado ao mesmo trimestre do ano passado, que teve sua taxa de desemprego em 13%. Uma causa para essa queda é o grande número de pessoas fora da força de trabalho, ou seja, aquelas que não estão procurando emprego. Nesse grupo estão os estudantes, aposentados e donas de casa, mas também estão aqueles que desistiram de procurar emprego, os chamados desalentados.



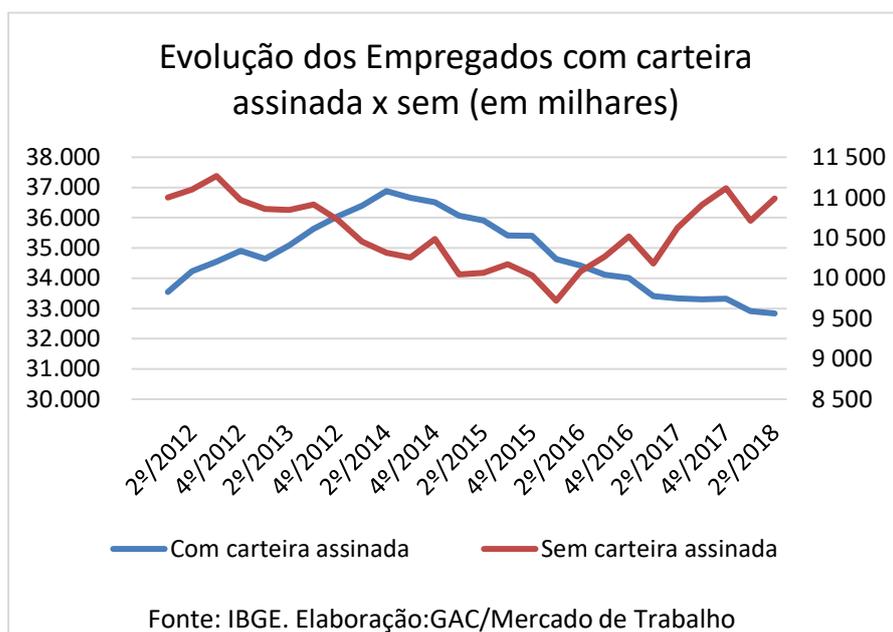
O número de desalentados no Brasil no segundo trimestre de 2018 atingiu um recorde histórico desde o início da mensuração de dados pelo IBGE em 2012. São 4,6 milhões de desalentados, um aumento de 195% em quatro anos. Mas como um aumento no número de desalentados reduz a taxa de desemprego? É considerado desempregado aquele que não está trabalhando, mas está procurando emprego, logo, um desalentado sai das estatísticas do

desemprego, reduzindo assim essa taxa. Um outro fator que reduz a taxa de desocupação é o aumento da informalidade, que será analisado no tópico a seguir.



FORMALIDADE NO MERCADO DE TRABALHO

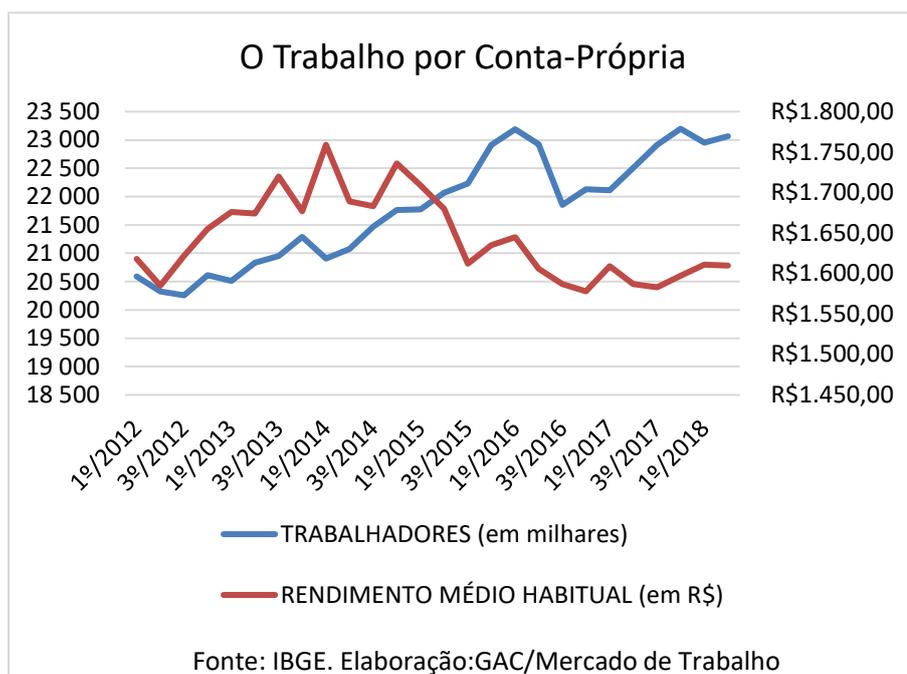
Como podemos observar, embora o desemprego tenha caído, o número de empregados sem carteira assinada atingiu o menor patamar da série histórica da PNAD contínua, apenas 38,3% do total da população ocupada possui carteira assinada. Segundo o IBGE, desde o começo da crise no mercado de trabalho em 2014, o Brasil perdeu 4 milhões de vagas com carteira assinada. Isso significa que a informalidade está aumentando, o que mostra que a retomada do emprego vem do mercado informal, que possui muitas vezes uma qualidade questionada, mostrando assim uma fragilidade no mercado de trabalho. O gráfico abaixo retrata bem essa questão. Percebe-se um grande aumento dos empregados sem carteira assinada (em laranja) versus o nível de empregados com carteira assinada (em azul) em constantes queda.



TRABALHO POR CONTA-PRÓPRIA, UMA BREVE ABORDAGEM

Um tipo de ocupação que tem ajudado a reduzir a taxa de desemprego é o trabalhador que decidiu trabalhar por conta própria. Essa categoria inclui profissionais autônomos como advogados, mas também inclui os trabalhadores informais, como os ambulantes. O número de trabalhadores por conta própria chegou a 23 milhões no segundo trimestre de 2018, um aumento de 2,4% se comparado com o mesmo trimestre do ano anterior. Percebemos que com o aumento do número de trabalhadores ocorreu em contrapartida a diminuição

gradativa do rendimento médio desses profissionais, que no segundo trimestre de 2018 chegou a R\$ 1610, uma redução de 8,4 ponto percentual se comparado com o nível mais alto atingido, no 1º trimestre de 2014.



O que explica o aumento do número de trabalhadores nesse tipo de ocupação acarretar uma redução do rendimento médio habitual? Uma possível causa para esse fenômeno é o aumento do número de trabalhadores informais, que trabalham em condições muitas vezes questionáveis e possuem um rendimento bem inferior se comparados aos os trabalhadores autônomos como os dentistas, que também estão inclusos nessa categoria.

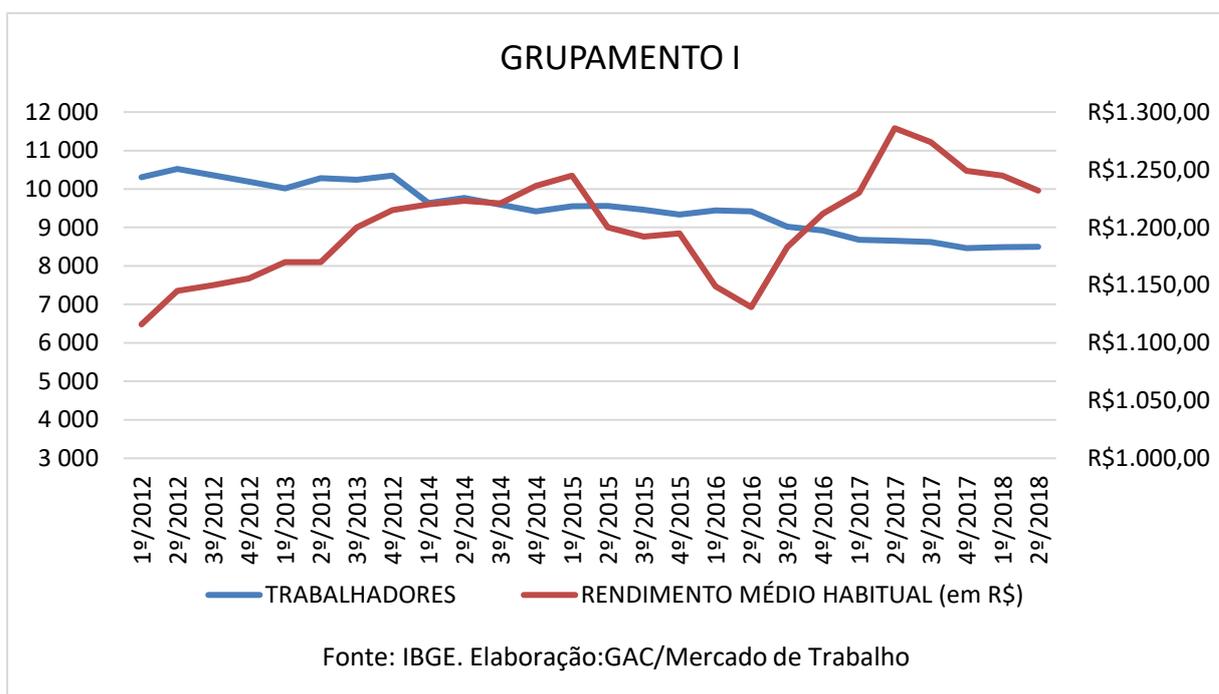
Com isso podemos chegar a conclusão de que o aumento do número de empregados, embora seja um bom presságio, não pode ser avaliado sozinho, pois precisamos julgar o que está por trás desse fenômeno e o que isso representa para a sociedade em geral.

O MERCADO DE TRABALHO POR GRUPAMENTOS DE ATIVIDADE

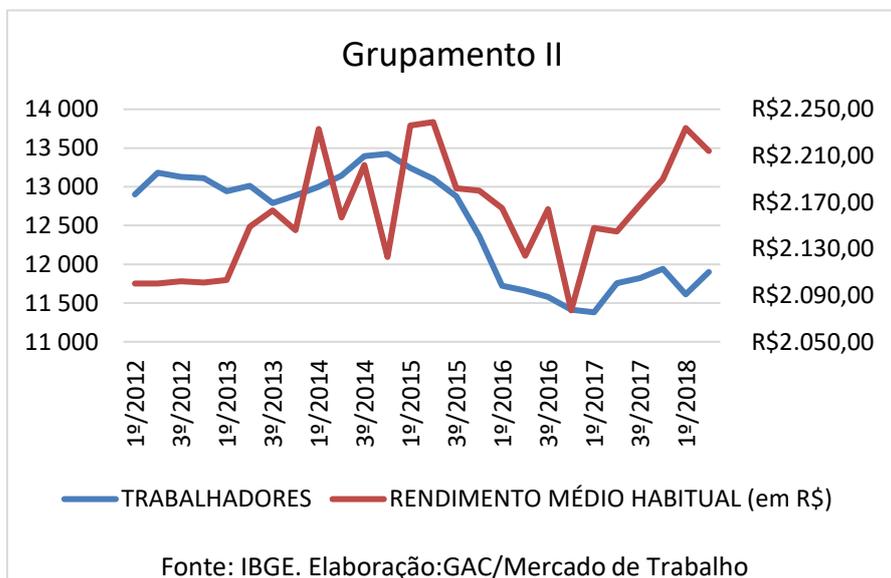
O primeiro grupamento, que representa o setor conjunto de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, apresentou estabilidade no

número de trabalhadores em relação ao primeiro trimestre, ainda que a um nível inferior ao mesmo período do ano passado, representando uma contração de 1,8%. O rendimento habitual por sua vez caiu 1,0% em relação ao primeiro trimestre, e 4,2% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, representando uma trajetória continuada de queda.

Ao observar a trajetória de queda dos rendimentos (que agora completa um ano) percebe-se a característica oscilante da varável no segmento. A redução do número de trabalhadores, por sua vez, contrasta com a trajetória uniforme de crescimento da produtividade no setor, puxado pelo incremento tecnológico a partir dos anos 2000 e encabeçado pela agropecuária.



Já o grupamento da Indústria Geral (grupamento II), quando analisado

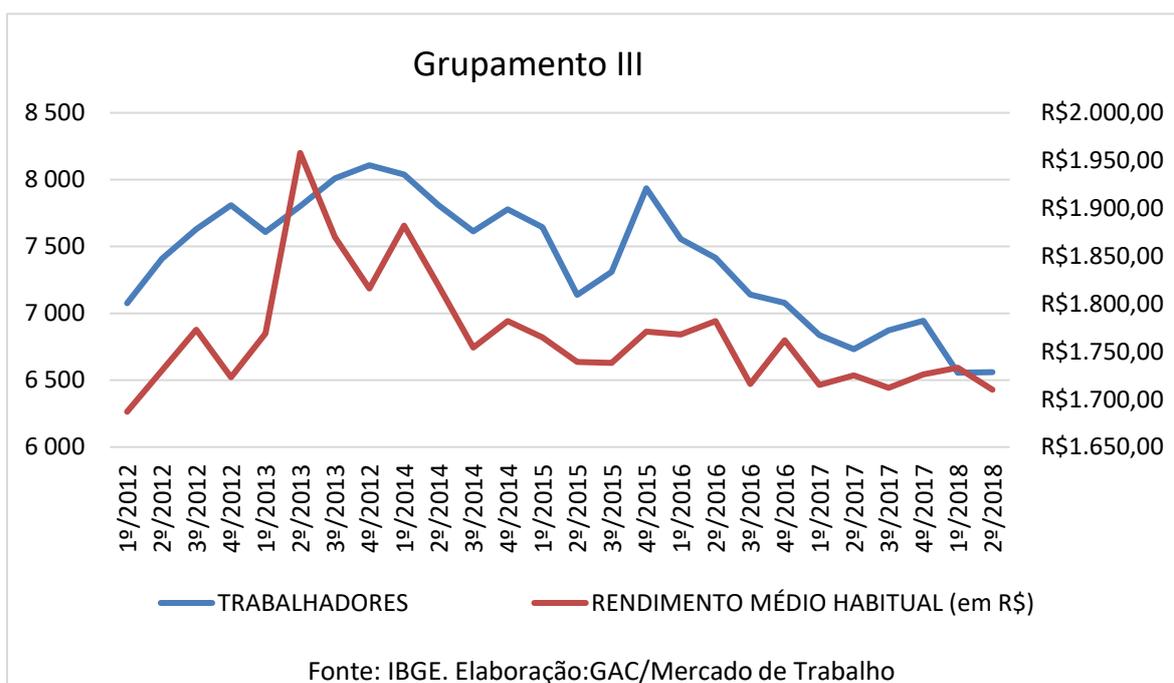


no longo prazo (em seis anos e meio) apresentou resultado peculiar. Pois sua curva de população quando contrastada com a de rendimento mostra uma trajetória confusa, que acreditasse estar condicionada pela crise que assola o país no período. Tendendo para uma relação inversa das

variáveis em períodos de estabilidade na economia, como pode apontar o resultado deste trimestre.

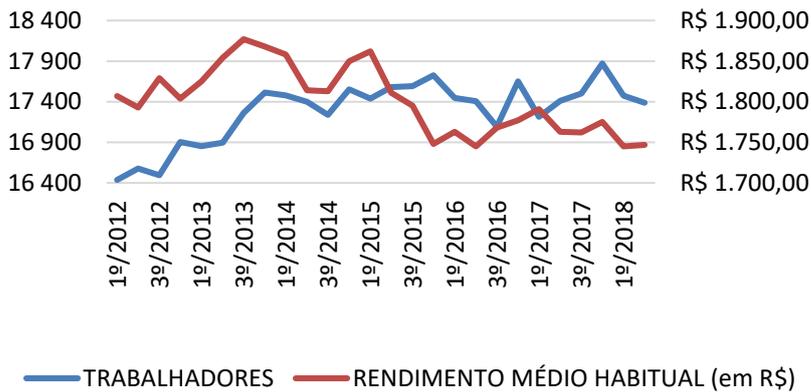
Esse foi o resultado da Indústria, uma variação positiva de 2,5% que caracteriza o incremento de 286.000 trabalhadores ao setor, e uma leve variação negativa nos rendimentos habitualmente recebidos por esses trabalhadores de -0,9%, ficando no valor de R\$ 2.214,00, sendo esse valor 3,2% maior que o rendimento médio um atrás.

O segmento de Construção (grupamento III) apresentou estabilidade de sua taxa de crescimento neste segundo trimestre, um crescimento ínfimo de 0,1%. Porém, quando comparado mesmo período no ano anterior seu desempenho se torna mais expressivo, mostrando uma queda de -2,5%. O rendimento no setor, por sua vez, sofreu um decréscimo de -1,3% no trimestre, resultado mais severo do que quando compara com o período a um ano atrás que apresenta queda de -0,9%.



Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas, o quarto Grupamento de atividades, mostrou variações menos bruscas, tendo crescimento de 0,1% do rendimento habitual e queda de -0,5% na mão de obra. Quando comparados ao mesmo período no ano anterior se percebe uma maior correspondências dessas varáveis, mostrando queda de -0,9% e -0,1% respectivamente.

Grupamento IV



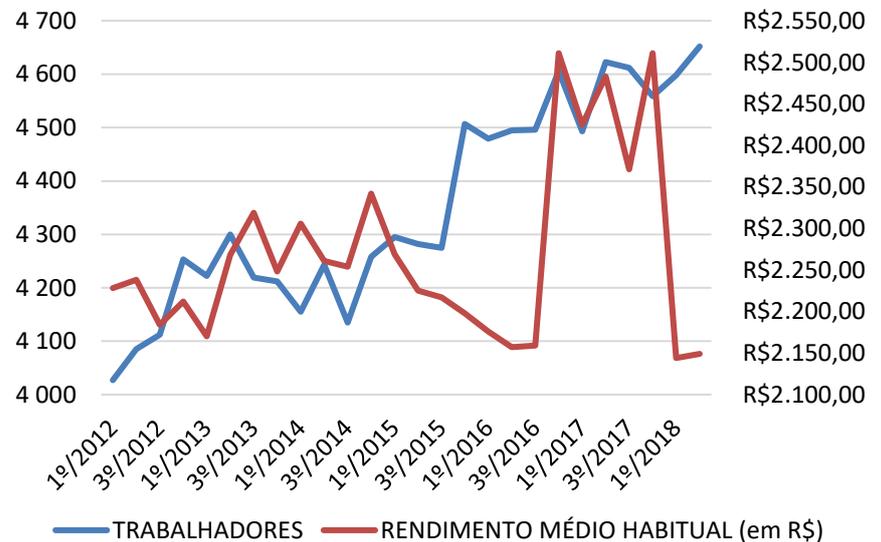
Fonte: IBGE. Elaboração:GAC/Mercado de Trabalho

Esse resultado é alarmante à medida que aponta para a persistência na não recuperação da economia nesse setor, uma vez que o segmento Comércio é comprovadamente o que mais emprega mão de obra no país.

O quinto grupamento, Transporte, armazenagem e correio, teve incremento de 1,2% na mão de obra, com a entrada de 54.000 trabalhadores, 29.000 a mais que no mesmo trimestre no ano anterior.

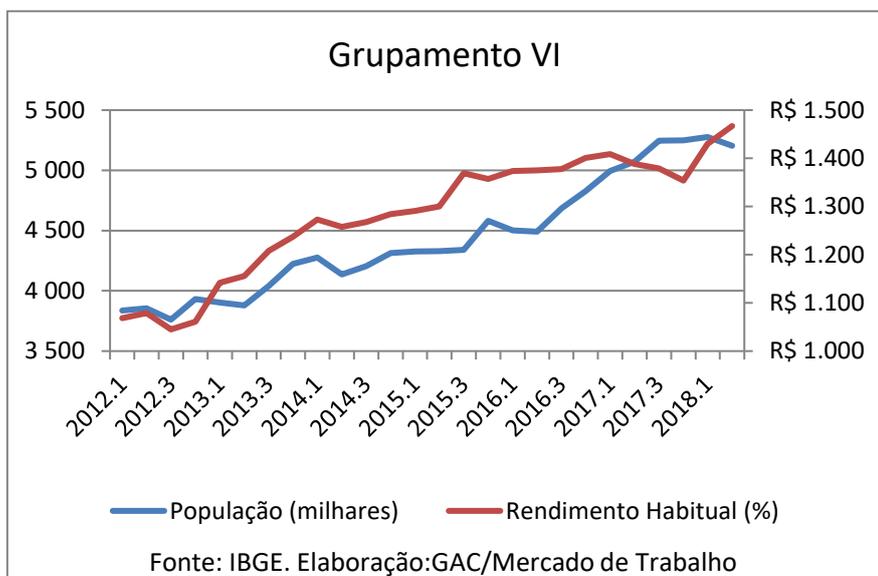
Os rendimentos por sua vez não tiveram variação tão favorável, cresceram apenas 0,2% quando descontada a inflação (apenas R\$ 5,00). Em relação ao mesmo trimestre um ano atrás, a perspectiva se torna bem mais alarmante, com queda de -13,4%, uma perda real de R\$ 334,00 na renda desses trabalhadores, explicada principalmente pela liberação do preço dos combustíveis no início do ano que elevou o custo dos fretes, reduzindo drasticamente os lucros no setor. Nessa perspectiva acredita-se que a Greve dos Caminhoneiros, ocorrida em 21 de maio, corroborou para segurar essa deterioração.

Grupamento V



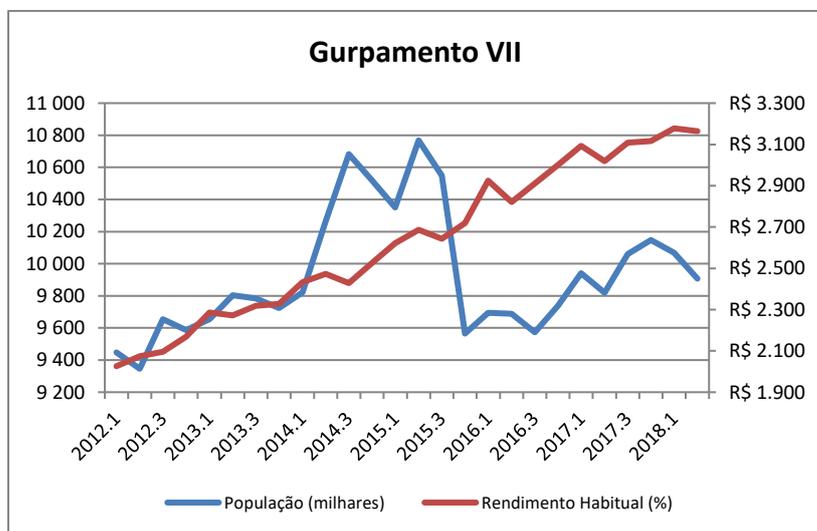
Fonte: IBGE. Elaboração:GAC/Mercado de Trabalho

O grupamento correspondente a Alojamento e alimentação, sexto



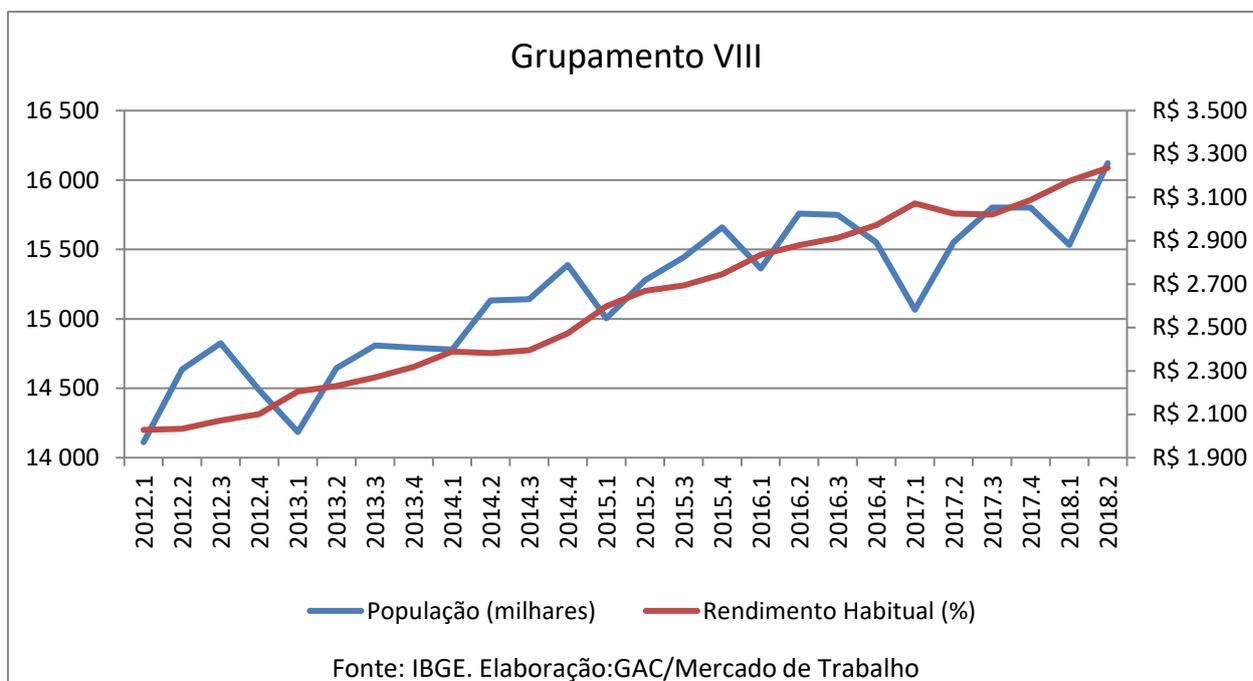
grupamento, é o que apresenta trajetória mais harmoniosa na série, desde o seu início em 2012. Frente ao aumento de R\$ 21,00 no rendimento médio habitualmente recebido (1,5%), o segmento sofreu uma redução de -1,4% de massa de trabalhadores, pelas estimativas de saída de 73.000 trabalhadores do setor.

Um setor merecedor de grande destaque é o de Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas, agrupados no sétimo grupamento de atividades. Esse grupamento, que liderava entre os setores por apresentar o maior rendimento habitual médio, apresentou queda neste trimestre, cedendo lugar para o oitavo



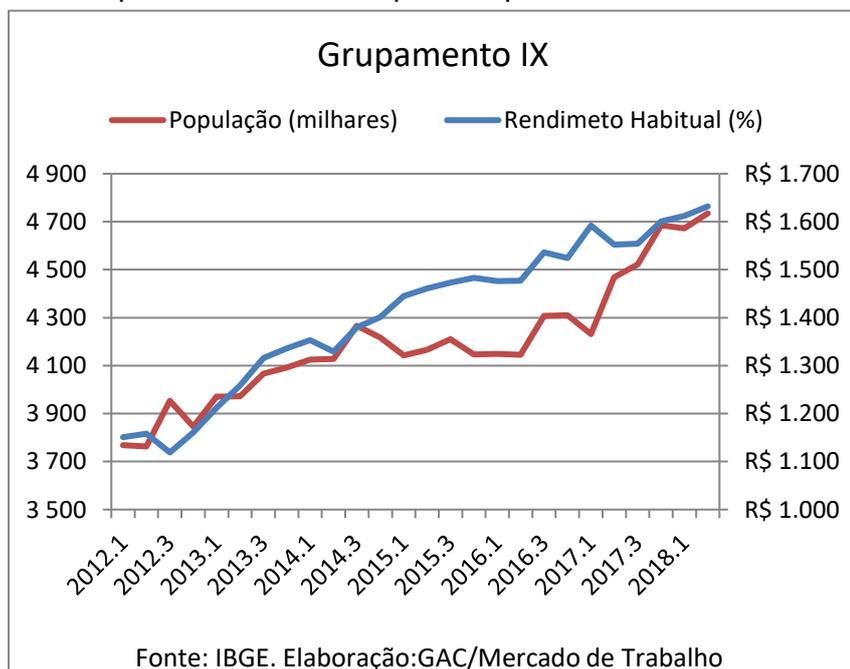
grupamento. Seu rendimento teve queda de -1,4%, porém, 1,3% maior que o mesmo período um ano atrás, estabelecendo-se em R\$ 3.164,00. Sua massa de trabalhadores, que vem se contraindo desde o início do ano, apresentou queda de -1,6%, ficando, contudo, com um efetivo de 9.908.000 de trabalhadores, 0,9% a mais que o mesmo período de 2017.

Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais, oitavo grupamento, que passa a liderar o ranque dos maiores rendimentos, com crescimento de 0,8% no trimestre e 3,6% em relação ao ano passado, também lidera em taxas de crescimento, tanto da massa de trabalhadores quanto dos rendimentos. E essa liderança se manifesta tanto no trimestre quanto em relação ao ano anterior (3,7% e 3,8% respectivamente) no caso das contratações, ou seja, aumento do número de trabalhadores.



O nono grupamento, Outros Serviços, manteve sua trajetória moderada de crescimento em ambas variáveis. Observando crescimento ínfimo de 0,2% nos rendimentos, frente uma entrada de 63.000 trabalhadores no segmento. Tal padrão tem sido explicado pelo aumento considerável do trabalho informal, que

persiste em virtude da crise econômica e das mudanças na lei trabalhista.



Por fim, o décimo grupamento de atividade, que representa os Serviços Domésticos, foi o único que apresentou queda considerável de rendimentos (-2,0%), apresentando a menor faixa de rendimento Intersectorial R\$ 873,00. E se mantendo praticamente constante quanto a sua população de trabalhadores (redução de -0,2%).

